



# **Cinema na grade curricular: Uma experiência educomunicativa dentro da pedagogia Freinet**



Saulo de Sousa Silva

O relato de experiência que se segue conta um trabalho que estamos realizando no Colégio Santa Felicidade, localizado na cidade de Jundiá – SP. Com aproximadamente 12 anos de existência, há sete anos o Santa Felicidade estipulou a Pedagogia Freinet como método de ensino. Dentro deste espaço educativo a criança é tida como um ser com enorme potencial e a utilização de ferramentas desta pedagogia auxilia o processo de autonomia do ser, a criatividade e o convívio em sociedade. Práticas como o jornal de parede e a assembleia, aulas passeio e texto livre são instrumentos que fogem do ensino tradicional feito na maioria das escolas brasileiras. Uma educação não focada unicamente na memorização de conteúdo visando o ingresso em boas universidades é uma das alternativas oferecidas pela Pedagogia Freinet.

Cèlestin Freinet é um dos pioneiros que, no início do século XX, buscou alternativas à educação tradicional que desde aquele tempo já não se adequava ao cotidiano dos alunos e às demandas escolares. Freinet já questionava “a eficiência das rígidas normas educacionais: filas, horários e programas exigidos oficialmente” (Sampaio, 1989, p. 15).

Propondo uma Escola Moderna, onde a criança tivesse liberdade e autonomia, e a separação de educandos e educadores não ocorresse, propiciando um ambiente amistoso e cooperativo, o educador foi um dos criadores do Jornal Escolar, trazendo novas tecnologias da comunicação da época como a prensa de tipos para dentro da escola.

Este processo pioneiro foi inspirador para diversos pesquisadores e educadores, os quais levantaram em suas pesquisas e práticas novas alternativas educacionais, enxergando nos meios de comunicação um potencial instrumento pedagógico. Desde Freinet até nossa contemporaneidade, foram vários os educadores que utilizavam meios de comunicação como instrumentos capazes de aumentar a construção dos saberes por parte dos educandos. Podemos destacar aqui no Brasil Roquette Pinto e Anísio Teixeira, ambos utilizando o rádio como apoio. Até mesmo Paulo Freire, à frente do Movimento de Cultura Popular, trazia os meios de comunicação como auxílio para a erradicação do analfabetismo, mas sempre ciente de não cair no erro de considerar as tecnologias como o suprassumo da educação:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas (Freire, 2005, p. 87).

Baseada em uma educação libertadora que respeitava sempre a leitura de mundo anterior dos educandos, estas alternativas à educação foram percebidas e praticadas por diversas pessoas comprometidas com a construção de novos horizontes principalmente na América Latina. Da observação destas práticas, vários teóricos começaram a compreender que estavam diante de um novo paradigma: a Educomunicação.

Situado na interface comunicação/educação, o campo da Educomunicação objetiva, segundo o professor e pesquisador Ismar Soares (2013), “estimular debates relacionando os indivíduos com os processos midiáticos, criar ecossistemas comunicativos dentro dos ambientes, aumentar as capacidades comunicativas dos indivíduos e promover práticas utilizando recursos tecnológicos em função da educação para a cidadania” (Soares, 2013).

Dentro do ambiente escolar, o ecossistema comunicativo caracteriza-se pela participação, diálogo, democracia, autonomia e espaço aberto para os envolvidos. Dessa maneira, o ecossistema não se fecha apenas na escola e fica aberto para toda comunidade em seu entorno. “O conceito de ecossistema comunicativo paira, portanto, como uma meta conceitual e prática” (Soares, 2011, p. 46)

De acordo com Soares (2011), a Educomunicação enxerga como necessidade a criação de ecossistemas comunicativos “nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (Soares, n.d.). É importante no início de sua criação evitar conflitos com as tradicionais agências que defendem suas didáticas e espaços:

Para tanto, é interessante começar a partir dos pontos de consenso, como, por exemplo, a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. No caso, é recomendável implementar as práticas da Educomunicação a partir da introdução da linguagem audiovisual na educação (Soares, n.d.).

Dentro do Colégio Santa Felicidade, devido à prática da Pedagogia Freinet, nos deparamos com um ecossistema comunicativo bastante favorável à entrada de práticas educomunicativas. Segundo o professor Ismar Soares (2011):

todas as formas de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas acabam por conformar um tipo definido de ecossistema comunicativo. A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência (Soares, 2011, p. 45).

E foi através do audiovisual com foco em cinema que iniciamos nossa caminhada colocando o cinema dentro da grade curricular do espaço em questão.

## 1. A PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA DENTRO DA PEDAGOGIA FREINET

O Colégio abriu espaço para ações educomunicativas no início de 2015 colocando em sua grade curricular a disciplina Cinema e Audiovisual, lecionada pelo pesquisador especializando em Educomunicação e arte educador Saulo de Sousa Silva. Hoje, o Ensino Médio não apresenta a disciplina de artes como obrigatória dentro do currículo e, no momento da matrícula, os próprios educandos desta fase devem escolher entre artes ou reforço ao vestibular. Se optam por artes tem as quartas-feiras como um dia letivo apenas com aulas de cinema e audiovisual e expressão musical. Caso escolham reforço ao vestibular ficam durante a quarta-feira juntos estudando exercícios e conteúdo de vestibular.

Todas as classes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio se juntam e têm um momento de interação com colegas de diferentes idades, ideias, dificuldades e facilidades.

Com a missão de explorar todo o potencial dos alunos, o Colégio acredita que a expressão artística estimula o desenvolvimento crítico e intelectual, auxiliando no processo de autonomia do indivíduo, preceitos todos inspirados por Freinet.

Nosso trabalho educomunicativo no Colégio Santa Felicidade se dá, como temos falado, através das aulas de cinema e audiovisual, estimulando a capacidade dos educandos para uma leitura crítica dos meios e construindo coletivamente

caminhos para produções audiovisuais. Com a utilização de novas tecnologias da informação e comunicação (TICS), procuramos empoderar os alunos para que por si próprios compreendam as fórmulas e representações midiáticas e possam produzir novos conteúdos. Buscamos conscientizá-los através de variados exemplos, principalmente audiovisuais, sobre uma indústria audiovisual que influencia diretamente toda a cultura de nossa sociedade, desde o consumo desenfreado até as maneiras de ser e sentir.

Sem giz ou lousa, essas aulas específicas ocorrem através de uma televisão plana ligada a um computador através de cabo HDMI, na qual o educador quando sente necessidade de reforçar algum conteúdo escreve por meio do software Microsoft Word, apresenta conteúdos em Prezi, edita conjuntamente com os alunos os materiais produzidos e, os instrumentos básicos além dos já citados se resumem à câmeras fotográficas, tripés e celulares dos educandos.

Acreditamos que o cinema, enquanto nova linguagem estabelecida e dotada de uma gramática única, permeia a cultura de praticamente todas as sociedades,

Uma linguagem que continua em mutação, semana a semana, dia a dia, como reflexo veloz dessas relações obscuras, multifacetadas, complexas e contraditórias, as relações que constituem o singular tecido conjuntivo das sociedades humanas (Carrière, 1995, p. 22).

E possuidora de um caráter eminentemente pedagógico pois, segundo a professora e pesquisadora da área Rosália Duarte (2002), “ler” o cinema é tão importante quanto ler obras clássicas da literatura e da filosofia. Muitas concepções sobre as condutas das relações humanas são construídas com o cinema, e é um erro não o tratar como linguagem necessária de compreensão e reflexão:

Muitas das concepções veiculadas em nossa cultura acerca do amor romântico, da fidelidade conjugal, da sexualidade ou do ideal de família têm como referência significações que emergem das relações construídas entre espectadores e filmes (DUARTE, 2002, p. 19).

Na mesma direção temos Jesús Martín-Barbero (2014), defensor da inserção de novas linguagens na escola e crítico do modo como a educação insiste em se ancorar na cultura escrita como linguagem predominante, que diz:

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes [...]. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial (Martín-Barbero, 2014, pp. 52-53).

No Santa Felicidade privilegiamos a assistência de filmes que estão fora do circuito comercial e vamos além, pois não finalizamos nosso processo ao debater os filmes, compreender suas linguagens e influências em nossos cotidianos. Ao produzirem seus próprios filmes ou conteúdos audiovisuais, acreditamos que damos condição para que os educandos consigam melhor efetivar seus processos de comunicação em um mundo permeado cada vez mais de novas mídias e linguagens, principalmente audiovisuais.

Nesse contexto, ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral dessas pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (Duarte, 2002, p. 14).

A partir do momento em que iniciam o domínio desta linguagem, discutimos as possibilidades de intervenção em suas realidades, enfatizando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## 2. EXPERIÊNCIAS ANALISADAS DENTRO DO COLÉGIO

O resultado deste trabalho está sendo muito satisfatório. As respostas, todas positivas até então, partem tanto dos alunos como de professores, coordenadores e diretores. Todos acabam por se envolver na produção de filmes dos mais variados gêneros: secretárias, responsáveis pela limpeza, porteiros, etc. Se anteriormente já existia um início de ecossistema comunicativo ideal, segundo as aspirações da Educomunicação, com a nova disciplina integrada na grade curricular o ecossistema vem se fortalecendo, abrindo cada dia mais espaço para o diálogo de toda comunidade escolar, abrindo mais espaço para uma real democracia.

Durante a realização de alguns trabalhos, os alunos acabam por conhecer melhor seus colegas, familiares e a até mesmo a si próprios. Um caso recente que nos chamou atenção foi o de uma aluna que foi adotada quando era bem pequena. Após algumas aulas sobre documentário, assistindo filmes e realizando produção de minidocumentários, foi pedido aos alunos que escolhessem um tema que mais lhes agradassem e realizassem um filme curta metragem com a linguagem do cinema documentário. A aluna em questão optou pela temática adoção, e para isso entrevistou sua irmã, também adotada, e seus pais adotivos. Segundo a própria aluna, além de ter sido um trabalho bastante prazeroso de ser realizado, envolvendo todos de seu ambiente familiar, ela acabou por conhecer melhor o tema, por conhecer melhor seus pais, todo o processo pelo qual passaram para adotá-la e nos confidenciou ter conhecido mais a si mesma, pois muito do que foi conversado com seus pais nas entrevistas lhe revelou histórias que ainda não conhecia, aumentando sua percepção de mundo e de sua presença nele.

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet: **Evolução história e atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.

CARRIÈRE, Jean Claude. C. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. (31ª ed.). São Paulo: Paz e terra, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Ismar. **Eossistemas comunicativos**. Recuperado em 15 maio, 2015, de <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

### •• O AUTOR ••

**Saulo de Sousa Silva** é especializando em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), arte educador da disciplina de Cinema e Audiovisual no Colégio Santa Felicidade (Jundiaí-SP), monitor da oficina de Jornal Escolar na Escola Municipal de Educação Básica Fábio Rodrigues Mendes (Jundiaí-SP), educador da disciplina de Comunicação no projeto educativo Galera de Futuro (Jundiaí-SP), criador e educador da oficina Nossos Novos Mundos, voltada para a leitura e produção audiovisual com base educacional.